

## A Segunda Guerra Mundial Chegou a Sergipe<sup>I</sup>

---

Décio Cardoso Reis<sup>II</sup>

O livro “Leituras da Segunda Guerra Mundial” em Sergipe organizado pelos historiadores Dilton Cândido Santos Maynard e Andreza Santos Cruz Maynard busca abordar as consequências desse conflito em Sergipe, com especial destaque para a capital Aracaju, os seis capítulos que compõem a obra são frutos de pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos do tempo Presente (GET/UFS/CNPq). Como informa os autores a obra não tem a pretensão de fazer uma análise exaustiva sobre o assunto, mas suas páginas oferecem resultados que ampliam o conhecimento sobre o tema e possa contribuir para a História Contemporânea de Sergipe.

O primeiro capítulo intitulado *O Fim do mundo Começou no Mar: Os Ataques do Submarino U-507 no Litoral Sergipano em 1942* escrito por Dilton Cândido Santos Maynard e Raquel Anne Lima de Assis, faz um panorama de algumas impressões causadas pelos torpedeamentos na costa sergipana. O capítulo vai abordar como os torpedeamentos dos navios Baependy, Aníbal Benévolo e do Araraquara entre os dias 15 e 17 de agosto de 1942 acabou com a ilusão de que Sergipe estava muito distante e salvo da Guerra. Os corpos dos tripulantes dos respectivos navios chegaram às praias: do Saco em, Estância- SE, e Atalaia em Aracaju.

Os autores informam que 28 corpos foram periciados. Muitos desses corpos foram saqueados pela população local. Embora o saque aos mortos fosse combatido e criticado eles ocorreram com uma frequência muito maior do que as relatadas nos registros oficiais, segundo Maynard e Assis. Os torpedeamentos modificaram o cotidiano da população aracajuana em consequência do medo e da insegurança.

No segundo capítulo *Carestia e roubo de galinhas: problemas no cotidiano de Aracaju*, Andreza Santos Cruz Maynard se propõe a analisar os aspectos do cotidiano de Aracaju abordando algumas dificuldades enfrentadas pela população entre 1939 a 1945. Entre elas a escassez de produtos e o consequente aumento dos preços de gêneros alimentícios e do combustível. A população aracajuana enfrentou o aumento desordenado dos preços que com a guerra só piorou, principalmente nos alimentos de primeira necessidade como: carne, feijão, arroz, pão, etc.

Com o impacto do afundamento dos navios na costa sergipana entre 15 e 17 de agosto de 1942 a guerra se tornou mais presente em Aracaju. No segundo semestre de 1942 e início de 1943, Aracaju sentiu a falta de papel, o que acabou afetando até mesmo os jornais, e da farinha de trigo comprometendo a venda de pão. Maynard também enfatiza que na vida cotidiana sergipana tiveram problemas que não estavam relacionados ao conflito. Como um relatado no jornal “Correio de Aracaju” de 09 de julho de 1943, os moradores da Rua Riachuelo sobre a capinação da tiririca, que viria a diminuir o perigo das muriçocas. Outro problema cotidiano mencionado pela autora era o roubo de galinhas.

## A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL CHEGOU A SERGIPE

DÉRCIO CARDOSO REIS

O fim do conflito trouxe como consequência imediata a queda do Estado Novo, embora Getúlio Vargas tenha saído vitorioso, pois elegeu Eurico Gaspar Dutra como presidente da república e posteriormente em 1950 venceu as eleições. Maynard em seu texto procurou evidenciar como os aracajuanos se relacionaram com a Guerra entre si e como o conflito foi inserido no dia-a-dia da população.

No terceiro capítulo *As feias têm direito à felicidade: Aracaju e a apologia corporal*, Dilton Cândido Santos Maynard vai abordar um novo padrão de beleza e de corpo numa mistura de fé, civismo e ciência. O autor acredita que se buscou uma padronização corporal o zelo pelo corpo foi uma preocupação eugênica do Estado Novo. Maynard menciona que os eventos de apologia racial foram constantes em Aracaju, tendo sido promovidos pelo DEIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda), como: competições de atletismo, o Dia da Juventude, o dia da Saúde. Os esportes em geral foram foco do estado, com principal destaque para o futebol, que foi utilizado como veículo difusor da ideologia do aperfeiçoamento da raça brasileira. Nesse período houve uma repressão e controle dos corpos.

O autor também vai alertar para invasão do vocabulário bélico no mundo esportista de Aracaju. Um exemplo disso é que as partidas de futebol se transformaram em “lutas”, “pelejas” e “combates”. Mostrando um discurso de influência militarista. Mas essa invasão terminológica não ficou limitada aos esportes, foi manifestada na vida urbana, nas festividades através da Guerra que chegava principalmente nos jornais e no cinema.

Com o Estado Novo o corpo foi acentuado e oficializado com o seu valor político. Com ele o corpo ganhou um estatuto salvacionista. Salvar o corpo significava a redenção da raça e como consequência salvar a raça era o mesmo que salvar a nação. Conforme Maynard esse discurso era enfatizado por intelectuais, clérigos, higienistas, comerciantes e políticos.

O quarto capítulo *Bares, cafés e Pinga-Pus na Aracaju dos tempos de Guerra*, de autoria de Dilton Cândido Santos Maynard, aborda os espaços destinados à diversão como cabarês, cafés utilizados na Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial. Maynard alerta que o texto vai focar nos traços do cotidiano e no controle dos hábitos citadinos e menos nas questões ligadas ao conflito.

Os cafés de Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial eram locais pra o “bate-papo”, para colocar a fofoca em dia. O café *Ponto Chic*, por exemplo, era frequentado pela oligarquia sergipana: políticos, intelectuais, jornalistas, advogados. Os cafés funcionavam como espaços públicos, onde aspectos da vida privada vinham a tona. Local para espreitar a vida alheia, os cafés funcionavam como um local onde muito da vida política era analisado. Eram principalmente localizados no centro da cidade.

Mas Aracaju não só vivia de espaços requintados, tinham os espaços “*de pouca ou nenhuma respeitabilidade*”<sup>III</sup>. Eram as famosas bodegas e bares situados na *Zona do Bomfim* localizado no subúrbio aracajuano, local da zona da prostituição. No Bomfim estava localizado o Cural, local decadente e miserável dos prostíbulos de péssima qualidade. Os cabarês também funcionavam como local para uma conversa, para começar uma carreira artística.

## A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL CHEGOU A SERGIPE

DÉRCIO CARDOSO REIS

No capítulo V intitulado *A radiofonia Sergipana no estado Novo*, de autoria de Dilton Cândido Santos Maynard, o autor toma como base a *Rádio Difusora Aperipé* para estudar a radiofonia em Sergipe durante o estado Novo (1937-1945). O rádio nesse período foi utilizado como um instrumento político, como um potencial educativo, foi a ferramenta mais importante utilizada pelo estado Novo. É datado no Brasil em 1920 por meio dos chamados Clubes ou Sociedades.

A PRJ-6- Rádio Difusora sergipana foi criada em 1936, mas sua efetiva concessão foi efetivada em 1939. Em Sergipe a radiodifusão teve início com a Rádio palácio do Governo (PYD-2), transmitida oficialmente em outubro de 1938.

No capítulo VI *O Filme Confissões de um espião Nazista e o Antinazismo nas telas Aracajuanas* de autoria de Andreza Santos Cruz Maynard. A autora vai analisar como esse filme foi apropriado pelos periódicos aracajuanos em 1942. A chegada do primeiro filme antinazista em Aracaju foi marcada pela comoção, uma vez que ele foi transmitido após os torpedeamentos, quando a população já desprezava os alemães.

No período a população tinha pouca informação sobre o conflito e os seus inimigos. Os filmes estrangeiros foram um meio privilegiado para se entender as motivações trazidas pela segunda Guerra Mundial. O primeiro filme antinazista exibido em Aracaju tinha uma duração de aproximadamente 104 minutos, em preto e branco, também foi o primeiro filme antinazista produzido por em Hollywood pelo estúdio Warner. Foi produzido antes do início da segunda Guerra, começou a ser filmado em 01 de fevereiro de 1939 e estreou em 27 de fevereiro do mesmo ano. O filme possui um estilo de documentário e drama (docudrama) ou semidocumentário.

A película foi banida em mais de 18 países, também foi proibida no Brasil em 1939. Só estreou em maio de 1942, no Rio de Janeiro. Em Sergipe só estreou em 09 de setembro de 1942 no cine Rio Branco, dias depois dos torpedeamentos na costa brasileira entre Sergipe e Bahia.

Em suas páginas “Leituras da Segunda Guerra em Sergipe” apresenta e analisa como o conflito se desenrolou em Aracaju abordando as mudanças no cotidiano da população sergipana. Tendo como foco a capital Aracaju para as reflexões dos autores. Passando pelos torpedeamentos, pela carestia, pela apologia do corpo, pelos cabarés, pela radiofonia e pelo cinema. A obra é rica em fontes (jornais, relatórios, revistas e filmes) e as mesmas são utilizadas e contextualizadas e não somente postas para impressionar e mostrar conhecimento dos autores aos leitores. Um dos pontos positivos da obra é trazer para o leitor um assunto tão traumático como foi os torpedeamentos de uma forma objetiva e contextualizada. Um fator negativo foi o não uso de imagens do cotidiano da cidade de Aracaju, tão enfatizada na obra. Recomendada para historiadores e toda gama das ciências humanas e leigos que pretendem se aprofundar no assunto tão espinhoso, como foi a Segunda Guerra Mundial.

## A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL CHEGOU A SERGIPE

DÉRCIO CARDOSO REIS

---

<sup>1</sup> Trabalho apoiado pelo projeto “Quando a Guerra chegou ao Brasil: Ataques submarinos e memórias nos mares de Sergipe e Bahia (1942-1945)”, Edital Universal CNPq 2014.

I Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). Graduando em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe Bolsista FAPITEC/SE do projeto "Musealizando os cinemas de Aracaju (1939-1945)". Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Santos Cruz Maynard.

<sup>III</sup> MAYNARD, Dilton Cândido Santos; MAYNARD, Andreza Santos Cruz (org.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013, p.81.

### Referência Bibliográfica:

MAYNARD, Dilton Cândido Santos; MAYNARD, Andreza Santos Cruz (org.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.